

<b>ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:</b> Informação, Tecnologia e Conhecimento			
<b>LINHA:</b> Gestão, Mediação e Uso da Informação			
<b>IDENTIFICAÇÃO</b>			
<b>CÓDIGO</b>	<b>DISCIPLINA</b>	<b>CRÉDITOS</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>
PCI0018 01	Informação, Conhecimento e Inteligência Organizacional	6	90hs

**História da Sociedade da Informação**  
**A. Mattelart**

**Síntese do texto para nortear a discussão**

- “Em seus escritos, a palavra ‘informação’ significa o mesmo que *intelligence*. E sua coleta diz respeito à Intelligence of State [...] Na ilha Bensalem, trabalham nada menos que nove categorias de cientistas, segundo uma divisão rigorosamente hierarquizada do trabalho, nas atividades de coleta, de classificação e de tratamento da informação [...] Eles são encarregados de ‘captar a luz em todas as partes do mundo em que ela aparece’, recolhendo tudo o que pode se referir às ciências, às artes, às técnicas e às invenções. Mas eles só podem sair ‘fazendo-se passar por pessoas de outras nacionalidades, pois escondemos a nossa.’ – p.14-15
- “Vauban crê em uma “saída do caos e da confusão” mediante um “comportamento regido pelo cálculo”. Suas preocupações, portanto, ultrapassam o universo dos campos de batalha. Os deslocamentos repetidos durante suas inspeções de fortificações e de bases militares dão-lhe uma visão estereoscópica do reino. Ele, de fato, é um dos poucos conselheiros de Luís XIV a percorrê-lo. Ele se inquieta com os obstáculos à circulação dos fluxos de mercadorias e da mão-de-obra, travada pelo estado das vias de comunicação. A mesma preocupação em relação ao excesso de pedágios. Ele quer “deslocar as aduanas interiores para as fronteiras”. Privilegiando aqui também as vias fluviais, procede a um inventário minucioso dos rios e avalia sua navegabilidade. Na mesma perspectiva de unificação do conjunto do corpo da nação, Vauban elabora uma “Metodologia geral e fácil para o recenseamento dos povos” e propõe um modelo de “formulários em tabela”. Vincula esse projeto de recenseamento geral à questão da reforma do imposto, proposta tão audaciosa que representa a origem de sua desgraça. A partir da segunda década do século XVIII, os primeiros geógrafos e os primeiros engenheiros das Pontes e Estradas, provenientes do corpo dos especialistas das fortificações, começarão a representação sistemática do território (Mattelart, 1994). Em seu tratado sobre a tomada e a defesa das fortificações, Vauban se refere ao “sistema de ramificações”. Tem-se a coisa sem a palavra. Ainda que não tenha inventado o termo rede, o engenheiro militar introduziu a perspectiva reticular em uma visão do uso estratégico do território. Em sua época, a metáfora da rede permanece limitada à linguagem da experimentação médica. Por volta de 1665, ao se referir ao “corpo reticular da pele”, o anatomista e naturalista italiano Marcello Malpighi (1628-1694), precursor da histologia ou ciência dos tecidos, transferiu para o domínio da anatomia a palavra que até então designava a trama do tecido, do filé ou da renda. Em 1802, não foi por acaso que coube ao biógrafo de Vauban, o oficial Pierre-Alexandre Allent (1772-1837), ratificar a palavra rede em um ensaio sobre o reconhecimento militar. A rede hidrológica é comparada às ramificações da árvore. O termo rede, propriamente falando, entrou na linguagem dos exércitos somente com o fim da preeminência da guerra de posição ou de assédio. Com a irrupção dos levantes em massa, na Revolução, em 1793, e com a mudança fundamental trazida pela guerra de movimento em que linhas e colunas paralelas recuam e avançam para passar sucessivamente de uma ordem para outra. Mutações que as manobras ferroviárias acelerarão meio século depois” – p.23-24
- “No início das Luzes, a querela entre os antigos e os modernos já havia começado a transformar o olhar histórico sobre o processo de construção da modernidade. Olhar para a história universal em termos de eras e, a partir disso, procurar batizar com uma noção sucinta a sociedade presente e a do futuro será uma prática a ser desenvolvida apenas a partir do final do século XVIII, mesmo que tenham existido ilustres precursores, como Giambattista Vico (1668-1744) ou ainda o fisiocrata Anne Robert Turgot (1727-1781). Em um discurso pronunciado na Sorbonne, intitulado *Quadro filosófico dos sucessivos progressos do espírito humano*, esse filósofo-economista havia, com efeito, feito urna antecipação ao esboçar ‘uma periodização do progresso dos conhecimentos em três fases (teológica, metafísica e científica). Não havia ele insistido no papel determinante das ferramentas de comunicação de idéias (a

<b>ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:</b> Informação, Tecnologia e Conhecimento			
<b>LINHA:</b> Gestão, Mediação e Uso da Informação			
<b>IDENTIFICAÇÃO</b>			
<b>CÓDIGO</b>	<b>DISCIPLINA</b>	<b>CRÉDITOS</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>
PCI0018 01	Informação, Conhecimento e Inteligência Organizacional	6	90hs

língua, a escrita, a imprensa) na configuração dos diversos tipos de sociedades classificadas segundo a trajetória do progresso das Luzes?” – p.29-30

- “A cada geração técnica será reavivado o discurso salvador sobre a promessa de concórdia universal, de democracia descentralizada, de justiça social e de prosperidade geral. A cada vez, também, se verificará a amnésia em relação à tecnologia anterior. Do telégrafo ótico ao cabo submarino, do telefone à Internet, passando pela radiotelevisão, todos esses meios destinados a transcender a trama espaço-temporal do tecido social renovarão o mito das descobertas com a ágora da Ática (Mattelart, 1994, 1999). Nem a diferença, freqüentemente radical, das condições históricas de sua implantação institucional, nem os desmentidos flagrantes às promessas abalarão esse imaginário técnico de natureza milenarista [...] O ‘romantismo do número’, segundo a expressão do sociólogo Max Weber, será posto à prova pela gestão pragmática da sociedade industrial. Os homens contaram os números e, por fim, somente os números contaram” – p.31-32
- “A única maneira de sair da crise de civilização que afeta a sociedade: tratá-la como uma grande indústria. A aliança entre industriais e cientistas positivos funda um modo inédito de gestão, orientado não mais para o “governo dos homens”, mas para a ‘administração das coisas” – p.34
- “Ao inaugurar a constituição do ser vivo como objeto de conhecimento, as pesquisas desse fisiologista sobre os tecidos esboçaram os contornos do paradigma biológico. Não é pois um acaso que Saint-Simon localize seu projeto intelectual sob os auspícios do neologismo “fisiologia social” e que configure o “sistema industrial” como “organismo”, melhor ainda, como organismo-rede (Mattelart, 1994, 1999; Musso, 1997). O organismo social da era positiva ou industrial tem como princípio estrutural a hierarquia das funções. A rede, quer seja material ou imaterial, quer seja de transporte, bancária ou vetor de símbolos, é o arquétipo da organização” – p.35
- “Dessa forma, inaugura o cruzamento entre a representação de rede e o pensamento religioso. No *Dictionnaire de l'économie politique*, publicado em 1852, ele observa: “Podem-se comparar o zelo e o ardor que as nações civilizadas hoje aplicam na construção de ferrovias com o que ocorria, séculos atrás, na ereção de igrejas... Se, como se assegura, a polêmica religião vem de *religare...*, as ferrovias têm mais relação do que se pensa com o espírito religioso. Nunca existiu um instrumento com tanta força para religar povos separados”. Encerando o tempo de militância na Igreja sansimonista, a doutrina do industrialismo, noção forjada pelo mestre, legitimará o espírito de empreendimento dos construtores de redes de estradas de ferro e das finanças, de linhas marítimas e canais interoceânicos” – p.36
- “O primeiro, defensor de um modelo de sociedade descentralizada – e ecológica, antes que essa questão se tornasse tão central quanto hoje –, baseada na autonomia das instâncias eleitas local e regionalmente e na restrição ao desenvolvimento da indústria. Um modelo que Jefferson tentará implantar não apenas como inspirador do Partido Democrata e em suas funções sucessivas de vice-presidente e de presidente de seu país, mas também em sua prática de arquiteto” – p.38
- “Cinco anos antes da invenção do telégrafo elétrico (1837), ele prognostica: “Essas máquinas foram estabelecidas tendo em vista a transmissão da informação em tempos de guerra. Mas o desejo crescente das pessoas logo será, provavelmente, o de colocá-las a serviço de assuntos mais pacíficos” (Babbage, 1832, p. 36) [...] A inauguração do cabo submarino que liga Douvres a Calais faz desse primeiro elo de uma rede destinada a “cingir o universo” o símbolo do modelo livre-cambista de internacionalização [...] Os comentários de Babbage esclarecem sua crença na virtude das ‘máquinas de informação’ no quadro da ‘troca livre e ilimitada entre as nações’ tanto de mercadorias como de saberes. Uma troca que, segundo ele, só pode “contribuir para o benefício e a prosperidade de todos’ (Babbage, 1851)” – p.41-42

<b>ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:</b> Informação, Tecnologia e Conhecimento			
<b>LINHA:</b> Gestão, Mediação e Uso da Informação			
<b>IDENTIFICAÇÃO</b>			
<b>CÓDIGO</b>	<b>DISCIPLINA</b>	<b>CRÉDITOS</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>
PCI0018 01	Informação, Conhecimento e Inteligência Organizacional	6	90hs

- “Em 1885, a criação do Instituto Internacional de Estatística coroa a estratégia de estruturação de uma comunidade científica, prefigurada no recinto da exposição londrina de 1851 [...] Em 1890, por ocasião do recenseamento geral, a administração federal dos Estados Unidos estréia a máquina que funciona com cartões perfurados, inventada dez anos antes pelo estatístico Hermann Hollerith (1860-1929) para o tratamento automático dos dados coletados [...] O serviço de informações das forças armadas francesas, envolvido no caso Dreyfus, não se denomina ‘serviço de estatística’ (Canguilhem, 1966)” – p.44-45
- “Em 1895, dois advogados pacifistas, Paul Otlet e Henri La Fontaine, fundam em Bruxelas o Instituto Internacional de Bibliografia. Seu projeto é constituir o "Livro universal do saber contabilizando dia a dia o trabalho intelectual dos dois mundos". Para essa nova ciência da organização sistemática da documentação, as publicações científicas são apenas elementos, partes, capítulos, parágrafos de uma vasta enciclopédia de documentos que engloba o universo. “Imaginações arbitrárias”, na mesma senda que o louco empreendimento classificador da linguagem *a priori* formulada por John Wilkins no século XVII, comentará Jorge Luis Borges meio século depois. Para os especialistas das ciências da informação, em compensação, essa iniciativa é produto de um espírito visionário. Ela é a prefiguração de uma disciplina [...] Mais ambicioso ainda, ele formula um projeto de "Sociedade intelectual das Nações" para disfarçar as lacunas da Sociedade das Nações (Otlet, 1919). Otlet forja o termo "mundialismo" para melhor marcar a simbiose com um pensamento da rede universal, ao mesmo tempo técnico e social [...] Otlet partilha uma mesma convicção: que o século XIX, com a aceleração da velocidade dos fluxos de informação e de comunicação, já gerou uma opinião de dimensão planetária e que a emergência dos "públicos" modernos é o resultado de meios de comunicação que não cessam de ampliar o, "círculo social" “para além de todas as limitações de clãs, de classes, de confissões, de Estado... até os limites do gênero humano” (Tarde, 1890)” – p.48-49
- “Contrariamente ao que a fascinação pela sociedade das redes fará crer um século depois, a representação reticular do planeta é bem anterior ao que se convencionou chamar de "revolução da informação". O conceito de rede já interage com a noção biomórfica de interdependência, tomada da linguagem do universo da célula (Mattelart, 1999). Não há nada de surpreendente então em que, quarenta anos após fundar o Instituto bibliográfico de Bruxelas, Otlet antecipe a idéia de rede das redes. Em seu livro-testamento, *Tratado de documentação, o livro sobre o livro*, ele expõe a arquitetura de uma "rede universal de informação e de documentação". Uma rede que vincula centros produtores, distribuidores, usuários, de toda as especializações e de todos os lugares. A grande biblioteca é equipada com telas. Graças ao telescópio elétrico, o livro fonado permite que sejam "lidos em casa livros expostos na sala 'teleg' das grandes bibliotecas, pedindo-se com antecedência as páginas desejadas" (Otlet, 1934)” – p.50
- “Essa civilização que, fundada no trilho e no vapor, na mecânica e nas redes da indústria pesada, gerou a concentração dos meios de produção e a aglomeração nas megalópoles urbanas. A entrada na era neotécnica significa a libertação do potencial de flexibilidade e de ubiqüidade inerente a eletricidade. Tendo por princípio a descentralização, aparecerá uma sociedade em que o reequilíbrio territorial andarà lado a lado com o reequilíbrio das condições sociais” – p.52
- “As hostilidades abertas, os precursores de máquinas ou de teorias em relação com a futura informática são parte interessada no esforço de guerra. Três frentes contribuem para o progresso das grandes calculadoras: a decodificação da correspondência estratégica do inimigo, as tabelas de tiro de uso da artilharia antiaérea e a bomba atômica (Projeto Manhattan). É assim que, a partir de 1939, Alan Turing é recrutado pelo Intelligence Service para descobrir o segredo das máquinas codificadoras eletromagnéticas Enigma criadas pela Alemanha no entreguerras. Nos Estados Unidos, Claude Elwood Shannon, pesquisador dos laboratórios Bell, também se dedica à criptografia, enquanto o especialista em cibernética Norbert Wiener trabalha no quadro do projeto balístico. Todos os projetos americanos estão vinculados ao programa do US National Defense Research Committee. O responsável por ele é

<b>ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:</b> Informação, Tecnologia e Conhecimento			
<b>LINHA:</b> Gestão, Mediação e Uso da Informação			
<b>IDENTIFICAÇÃO</b>			
<b>CÓDIGO</b>	<b>DISCIPLINA</b>	<b>CRÉDITOS</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>
PCI0018 01	Informação, Conhecimento e Inteligência Organizacional	6	90hs

Vannevar Bush, que, no início dos anos 1930, criou o analisador diferencial, primeiro computador analógico completo [...] O fluxo crescente dos contratos de pesquisa e desenvolvimento provenientes do Pentágono, e depois da NASA (instituída em 1958), irrigará o complexo militar-industrial. Em 1930, o orçamento federal financiava 14% da pesquisa privada e pública; em 1947 essa contribuição aumenta para 88% dos fundos de pesquisa da indústria aeroespacial e 60% da eletrônica provêm da mesma fonte (Mattelart, 1976) – p.56-57

- “Por seu potencial de desconcentração e de descentralização, postula Wiener, a informação está na origem da “segunda revolução industrial”. Uma revolução portadora de uma promessa de libertação da cidadania. Abandonando neste ponto uma estrita definição estatística da noção de informação, ele a estende ao conjunto dos “meios de coletar, de utilizar, de estocar e de transmitir a informação”: rádio, cinema, telefone, telégrafo, correios, livros, imprensa, mas também o sistema escolar e a Igreja” – p.59
- “[...] saber-operação: o *think tank*” ou reservatório de idéias [...] O primeiro, e mais famoso, dos *think tank* é fundado em 1946 pela Força Aérea americana em Santa Monica, na Califórnia: a Rand (Research And Development Corporation). Esse reservatório de idéias, que também se tornará um centro de ensino superior, é o berço da análise de sistemas (*systems analysis*), das metodologias de custo-benefício (*cost effectiveness*), do sistema de planificação; programação e orçamento (Planning, Programming and Budgeting System ou PPBS) e das aplicações da teoria dos jogos. Como fizeram durante o conflito mundial, especialistas das ciências sociais, economistas, matemáticos, engenheiros e físicos eram incitados a partilhar seus conhecimentos [...] Patenteando, já nos anos 1950, uma técnica de previsão batizada de Delphi, a Rand contribui para legitimar a idéia de que existem métodos objetivos para explorar o futuro” – p.61-62
- “Em 1958 ocorre algo crucial, já que no ano anterior a União Soviética desafiara a América ao lançar o satélite Sputnik, abrindo assim uma outra frente da Guerra Fria, a luta pela conquista espacial; o Pentágono cria uma agência de coordenação de contratos de pesquisa federais: DARPA (Defense Advanced Research Projects Agency). Dez anos depois, a fim de facilitar os intercâmbios entre as diferentes equipes contratantes, essa agência inaugura a rede Arpanet, ancestral da Internet. É no seio dessa “república dos especialistas em informática” que depende dos contratos federais e funciona ao abrigo do mundo exterior que se forma a idéia segundo a qual o modelo de sociabilidade que se desenvolveu em torno e por intermédio da Arpanet pode ser implantado no mundo ordinário. “Os princípios de intercâmbio igualitário e de circulação livre e gratuita da informação no quadro de uma rede cooperativa gerada por seus usuários, que constituem o quadro sociotécnico da Internet universitária, vão, julgam eles, se difundir com a nova tecnologia” (F1ichy, 1999, p. 113) [...] No plano diplomático, a partir do final da Segunda Guerra Mundial, o Departamento de Estado dedicou-se a legitimar junto aos organismos das Nações Unidas sua doutrina do livre fluxo da informação (free flow of information), cada vez mais assimilada à da livre troca” – p.62, 63, 64
- “Alinhando-se à teoria da informação, a lingüística estrutural, ciência-farol dos anos 1960, pretende oferecer às ciências sociais um modelo que lhes permita conquistar uma identidade e uma legitimidade próximas das ciências exatas. A linguagem como sistema define a sociedade como sistema. A biologia molecular, que acaba de descobrir o patrimônio hereditário inscrito no DNA, e a análise estrutural do discurso partilham a mesma topografia conceitual: código, sistema de informação, programa, signo e mensagem (Jakobson, 1962; Jacob, 1970) [...] O conceito de “sobrecarga de informação” (*information overload*) é concebido como um input de informação no sistema urbano a uma taxa que ultrapassa sua possibilidade de tratá-la eficientemente, isto é, de traduzi-la em uma tomada de decisão, sem erro excessivo, sem distorção, imediatamente (Meier, 1962) – p.68
- “O importante é que passa a existir uma matriz contável legítima que as autoridades responsáveis pela formulação de políticas podem consultar (Porat, 1978, p.33). Enquanto Porat ainda está dando os retoques finais em seu relatório de pesquisa, essa matriz alimenta em 1976 o documento oficial

<b>ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:</b> Informação, Tecnologia e Conhecimento			
<b>LINHA:</b> Gestão, Mediação e Uso da Informação			
<b>IDENTIFICAÇÃO</b>			
<b>CÓDIGO</b>	<b>DISCIPLINA</b>	<b>CRÉDITOS</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>
PCI0018 01	Informação, Conhecimento e Inteligência Organizacional	6	90hs

redigido sob a direção de Nelson Rockefeller que estabelece as grandes linhas de uma *National Information Policy*. No ano seguinte, a Organização da Cooperação e de Desenvolvimento (OCDE) convida o economista para construir um modelo que visa classificar seus países membros segundo uma escala que conduz à "sociedade da informação" – p.70

- “Logo de saída, F. Machlup recusa-se a separar os dois componentes do par informação/conhecimento (*knowledge*). "Linguisticamente", observa ele, "a diferença entre o conhecimento e a informação está essencialmente no verbo *formar*: informar é uma atividade mediante a qual o conhecimento é transmitido; *conhecer* é o resultado de ter sido informado. 'Informação' como ato de informar é produzir a *state of knowing* na mente de alguém. 'Informação' enquanto aquilo que é comunicado torna-se idêntico a 'conhecimento' no sentido do que é conhecido. Portanto, a diferença não reside nos termos quando eles se referem *àquilo que se conhece* ou *aquilo sobre o que se é informado*; ela reside nos termos apenas quando eles devem se referir respectivamente ao *ato de informar* e ao *estado do conhecimento*" (Machlup, 1962, p. 15)" – p.71
- “A tradição mecanizada é centralizadora por definição. Ela comanda a expansão e o controle do território. Baseando-se na dialética centralização/descentralização, ela reforça o centro a partir das periferias. Cada avanço nas tecnologias de alta velocidade de expressão e de transmissão destrói elementos da comunidade humana. As desigualdades na velocidade das comunicações conduzem à constituição de "monopólios de informação" – outro conceito central – que são ao mesmo tempo o instrumento e o resultado da dominação política” – p.74
- “Bell faz uma previsão. Daí o subtítulo do livro: *A Venture in Social Forecasting* (Uma tentativa de previsão social). Extrapolando tendências (trends) estruturais observáveis nos Estados Unidos, ele constrói o tipo ideal de uma sociedade. Uma sociedade submetida a uma quádrupla mutação: o deslocamento do componente econômico principal (passagem de uma economia de produção para uma economia de serviços); uma mudança na estrutura dos empregos (preeminência da classe profissional e técnica); a nova centralidade adquirida pelo saber teórico como fonte de inovação e de formulação de políticas públicas; a necessidade de balizar o futuro antecipando-o; o desenvolvimento de uma nova "tecnologia intelectual" voltada para a tomada de decisões [...] A referência pós-industrial parece-lhe mais apta a significar, por um lado, que se vive em um "tempo intersticial", já que as novas formas sociais ainda não estão totalmente claras, e, por outro lado, que as fontes dessas transformações são, antes de tudo, "científicas e tecnológicas". Bell só fará sua expressão "sociedade da informação" por volta do final dos anos 1970: "Cada sociedade é uma sociedade de informação e cada organização é uma organização de informação, assim como cada organismo é um organismo de informação. A informação é necessária para organizar e fazer funcionar tudo, desde a célula até a General Motors" (Bell, 1979, p.169)" – p.84, 85, 86
- “A taxa de crescimento da classe dos profissionais e técnicos representa o dobro do da força de trabalho média. A dos cientistas e engenheiros é o triplo. Assim se formou uma nova *intelligentsia* que tem seu nicho nas "universidades, organizações de pesquisa, nas profissões e no governo". Do ponto de vista da estratificação e na escala do poder, a figura dominante da sociedade industrial era o *businessman* e o principal lugar social, a empresa. Na sociedade pós-industrial, essa centralidade passa a ser dos cientistas, da universidade e dos centros de pesquisa. A ocupação definindo a classe, é essa categoria social que codifica e testa o saber teórico, o "princípio axial" da sociedade pós-industrial. Iluminando os campos de experiências mais diversos, os sistemas abstratos de símbolos que ela elabora selam o destino do empirismo. Enquanto a sociedade pré-industrial era um jogo "contra a natureza", a industrial, um jogo contra a "natureza fabricada", a sociedade pós-industrial é um "jogo entre as pessoas". A organização do mundo científico, e de uma equipe de pesquisa em particular, é a sua imagem: cooperação e reciprocidade, mais que hierarquia e coordenação” – p.86

<b>ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:</b> Informação, Tecnologia e Conhecimento			
<b>LINHA:</b> Gestão, Mediação e Uso da Informação			
<b>IDENTIFICAÇÃO</b>			
<b>CÓDIGO</b>	<b>DISCIPLINA</b>	<b>CRÉDITOS</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>
PCI0018 01	Informação, Conhecimento e Inteligência Organizacional	6	90hs

- “Somente a planificação e o controle da tecnologia por meio de mecanismos de 'regulação política são capazes de controlar a *market economy*, que depende das diversas vontades privadas, e de fazer respeitar as “necessidades comuns” de que se encarrega a “economia pública”, o “setor público”, ainda chamado de *public household* (por oposição a *domestic household*), que constitui um “terceiro setor” em relação à economia de mercado e à economia doméstica” – p.88
- “O que reter do tipo-ideal “sociedade pós-industrial”? Em primeiro lugar, sua ancoragem na longa história das doutrinas organizacionais ao longo da qual se construiu o paradigma da sociedade funcional, cujo arremate deveria ser marcado pela era pós-industrial” – p.89
- “É o que escreve por volta do final dos anos 1960 Zbigniew Brzezinski, em *Between Two Ages. America’s Role in the Technetronic Era*. Nesse trabalho, a grade geopolítica que legitima a idéia americana de sociedade da informação é claramente explicitada. Esse especialista nos problemas do comunismo na Universidade de Colúmbia se interroga sobre as conseqüências, para a política internacional, da eclosão da “sociedade tecnoeletrônica” e da “era tecnoeletrônica”. Uma sociedade cuja “forma é determinada no plano cultural, psicológico, social e econômico pela influência da tecnologia, mais particularmente pela informática e pelas comunicações”. Uma era em que os processos políticos se tornaram globais [...] A rede mundial de informação que permite o acesso comum aos conhecimentos conduz à formação de elites profissionais internacionais e ao nascimento de uma linguagem científica comum: “o equivalente funcional do latim” – p.99-100
- “O projeto de universalismo doravante será liderado pelos Estados Unidos. Roma exportou o direito, a Inglaterra, a democracia parlamentar, a França, a cultura e o nacionalismo republicano, os Estados Unidos são o foco do qual irradia a inovação tecnocientífica e a cultura de massas, produto de um modelo de consumo elevado. Os Estados Unidos oferecem ao mundo não apenas um modo de ação destinado aos homens de negócios e dos meios científicos, mas um modo de vida. Efetivamente, a confrontação com a novidade faz parte da experiência americana cotidiana. Seu universalismo se explica pelo fato de que a sociedade americana “comunica-se”, mais que qualquer outra, com o mundo inteiro. Ela é a principal propagadora da revolução tecnoeletrônica” – p.101
- “Em 1971, um plano elaborado pelo Japan Computer Usage Development Institute (Jacudi) fixa a “sociedade da informação” como “objetivo nacional para o ano 2000”. Epicentro dessa política voluntarista: o MITI, superministério do comércio internacional e da indústria cuja principal missão é a de estimular as sinergias entre a pesquisa e a indústria, o setor público e os grandes grupos privados. Emergem desse plano os contornos da sociedade do futuro: um banco central de dados do Estado; sistemas médicos de atendimento à distância; um ensino programado e racionalmente administrado, capaz de desenvolver um “estado de espírito informático”; um sistema de prevenção e de luta contra a poluição; um sistema de informação para as pequenas e médias empresas; um centro de reciclagem de mão-de-obra. Como pano de fundo, o modelo Computépolis, a cidade inteiramente interconectada e equipada com terminais domésticos, com gestão automatizada dos fluxos do tráfego, uma rede de trilhos e veículos de dois lugares comandados por computador, hipermercados por assim dizer sem funcionários e com pagamento feito com cartões magnéticos, informatização do ar condicionado. Ponto de convergência dos bancos de dados e dos centros de documentação científica e técnica, se construiria, no centro de Tóquio, uma torre que deveria abrigar todos os “reservatórios de pensamento nacionais”, fossem eles do Estado ou do setor privado. Esse “reservatório central do pensamento” teria por função não apenas alimentar o ensino e a pesquisa, mas também garantir, graças ao livre acesso à informação, o novo sistema de participação dos cidadãos [...] O resultado mais patente da estratégia precoce do MITI é a entrada das firmas japonesas no domínio das memórias. Elas passam a se dedicar ao computador pessoal em que dava às empresas americanas um reinado praticamente solitário sobre o mercado interno” – p.108, 109, 110

<b>ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:</b> Informação, Tecnologia e Conhecimento			
<b>LINHA:</b> Gestão, Mediação e Uso da Informação			
<b>IDENTIFICAÇÃO</b>			
<b>CÓDIGO</b>	<b>DISCIPLINA</b>	<b>CRÉDITOS</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>
PCI0018 01	Informação, Conhecimento e Inteligência Organizacional	6	90hs

- “O saber acabará por se modelar segundo os estoques de informação”. Construir os próprios bancos de dados é um “imperativo de soberania”. O desafio é claro: a IBM acaba de anunciar sua intenção de entrar no campo das comunicações por satélite (Nora e Minc, p.13) – p.115
- “A profusão de cenários antecipatórios que caracteriza a situação americana, contudo, não apressa a decisão quanto à escolha de uma política de acesso à sociedade da informação. O governo federal se apossa do dossiê das telecomunicações e põe em circulação o termo “sociedade da informação” praticamente na mesma época em que o Japão e, indício entre outros, as universidades americanas são os primeiros a desenvolver um campo de estudos voltado para o auxílio à decisão: a Communications Policy Research” – p.117
- “A referência à “sociedade da informação” impõe-se sub-repticiamente nos organismos internacionais. Em 1975, a Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico (OCDE), que agrupava naquele momento 24 países dentre os mais ricos, estréia a noção e apressa-se para requerer os serviços não apenas de Marc Porat, mas também de outros especialistas americanos” – p.121
- “Os debates que ocorrem na UNESCO dizem respeito ao reequilíbrio dos fluxos de informação por serem eles muito desproporcionais no sentido norte/sul. Os Estados do Sul defendem a necessidade de instaurar uma “Nova ordem da informação e da comunicação” (NOMIC)” – p.122
- “Em 1987, o Livro Verde sobre as telecomunicações dá o primeiro passo para o ajuste dos países membros da União Européia, tendo em vista a elaboração dos termos de uma política pública comum no domínio. O documento preconiza a abolição dos monopólios nacionais e esboça uma problemática das redes de informação como elemento da construção do mercado único. Durante a década seguinte, nada menos que três diretrizes balizarão o caminho rumo à liberalização, à plena concorrência e ao serviço universal. Em 1993, os Estados Unidos lançam o programa de National Information Infrastructure. A União Européia logo a seguir. O Livro Branco apresentado no final do ano por Jacques Delors sobre o crescimento, a competitividade e o emprego oferece o quadro no qual deve ser pensada a resposta ao projeto americano de infovias. Emerge desse documento programático – que enumera os “desafios” e traça as “pistas” para “entrar no século XXI” – uma preocupação maior: o desemprego. Os relatórios sobre a sociedade da informação e as *infoways* elaborados pelas instâncias nacionais – como o relatório Théry na França, a Information Society Initiative no Reino Unido ou o Info 2000 alemão – revelam que a Europa está longe de falar a uma só voz. Por ocasião da formulação de uma estratégia de implantação de infovias, ressurgem em cada realidade as especificidades nacionais que remetem a configurações particulares de atores inscritos nos contextos institucionais, culturais, industriais e políticos diferentes (Vedel, 1996). Em março de 1994, o projeto americano de infovias se metamorfoseia em trampolim de uma estratégia mundial. Al Gore propõe a construção de uma Global Information Infrastructure (GII). O local em que ele faz seu comunicado é sugestivo. Em Buenos Aires, capital de um país que escolheu a via neoliberal, e diante de um público de delegados da conferência plenária da União Internacional das Telecomunicações. Uma conferência colocada sob a égide do tema das telecomunicações e do desenvolvimento. Seu discurso inaugural inscreve-se em uma linha profética: “A GII oferecerá uma comunicação instantânea à grande família humana [...]. Vejo nela uma nova era ateniense da democracia que será forjada nos fóruns que a GII criará” (Gore, 1994)” – p.127,128,129
- “Durante a campanha presidencial de 1992, Al Gore, companheiro de chapa de Bill Clinton, introduz o tema das infovias, unindo-se assim aos industriais do Silicon Valley, tradicionalmente republicanos. No ano anterior, Robert Reich havia desenvolvido os fundamentos econômicos e políticos daquilo que se tornaria o projeto da National Information Infrastructure. Esse economista, futuro ministro do Trabalho no primeiro mandato do presidente Clinton, demonstra que, em uma economia globalizada, a venda de “serviços de manipulação de símbolos” não tem limites e que os Estados Unidos são os que estão melhor posicionados para ganhar essa aposta da engenharia da informação, obtendo sobre seus

<b>ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:</b> Informação, Tecnologia e Conhecimento			
<b>LINHA:</b> Gestão, Mediação e Uso da Informação			
<b>IDENTIFICAÇÃO</b>			
<b>CÓDIGO</b>	<b>DISCIPLINA</b>	<b>CRÉDITOS</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>
PCI0018 01	Informação, Conhecimento e Inteligência Organizacional	6	90hs

concorrentes uma vantagem competitiva essencial (Reich, 1991). Com a condição, porém, de reduzir o déficit de "manipuladores de símbolos". Desde sua posse, Clinton instala uma comissão: o Advisory Council on the National Information Infrastructure. Criação maciça de empregos qualificados e bem remunerados, reforma do sistema educativo, acesso de todos à assistência médica e a políticas de saúde, reinvenção da democracia direta, essas são as promessas do projeto. Ora, o hiato entre o discurso sobre as próteses técnicas e a realidade de uma política social aumenta rapidamente. O objetivo central da assistência à saúde é revisado para baixo pelo abandono do canteiro da reforma em profundidade do sistema de assistência médica. Abandono que pode suscitar somente o temor de ver os usos do telediagnóstico e da telemedicina reforçarem o caráter segregacionista do dispositivo da saúde. Quanto ao sistema educativo, o Estado renuncia a bloquear a crise que o afeta. Assim é atrasado um nivelamento das formações, que teria sido coerente com a hipótese do grande projeto tecnológico: construir a prosperidade e o crescimento do país diversificando as competências e as qualificações. Comentário de Robert Reich sobre essa aposta abortada: "É em parte por causa do déficit do orçamento, mas isso não foi provocado apenas pelo governo federal. Os governadores dos Estados e os governos locais também querem efetuar menos investimentos do que seria necessário. Os Estados gastam, por exemplo, mais em construção e manutenção de prisões que com o ensino superior" (Reich, 1997, p. 69). Quanto à *participatory democracy* para um *interactive citizen*, ela se reduz principalmente aos artifícios de uma política de comunicação baseada na difusão de *sites* para o cidadão interativo", a começar pelo da Casa Branca, que informa esse cidadão das políticas oficiais. Despido assim de seus adornos sociais, ainda resta o registro das orientações econômicas: uma guinada histórica para nosso comércio", as infovias tornam-se essenciais à competitividade e ao poderio econômico dos Estados Unidos, segundo o presidente" – p.129,130,121

- "O paradigma tecnoinformacional tornou-se o pivô de um projeto geopolítico que tem como função garantir o rearranjo geoeconômico do planeta em torno dos valores da democracia de mercado e em um mundo unipolar. O horizonte planetário condiciona as formas e as manifestações de contestação da ordem mundial em gestação [...] A linguagem revolucionária emigrou para o campo do liberalismo, que transformou a noção de "revolução da informação" em uma expressão com pretensões totalizantes: revolução nas relações diplomáticas, revolução nas questões militares, revolução administrativa" – p.139
- "Os discursos apologéticos sobre a sociedade da informação zigzagueiam entre dois axiomas opostos: a entrada na nova era das mediações ou a saída dessa mesma era. A contradição implicada por esse jogo em dois tabuleiros é apenas aparente. Pois esse par argumentativo converge para atestar o final dos grandes determinantes sociais e econômicos na construção dos modelos de implantação das tecnologias digitais e de suas redes. Há uma tendência onipresente de expurgar até mesmo a noção de poder. O primeiro axioma pressupõe que as mediações são a tal ponto infinitas e convocam um tal leque de atores que o tecnossistema mundial atingiu tamanho nível de complexidade que se tornou acéfalo, e, portanto, nenhuma pessoa é responsável por ele. Esse é o discurso sustentado pelos teóricos da administração global para os quais o mundo não apenas "não tem fronteiras" (*borderless*) mas também "não tem líderes" (*leaderless*) (Ohmae, 1985, 1995). O segundo axioma assume a tese da desintermediação em todos os azimutes" – p.146
- "No ano 2000, a Unesco organizou várias reuniões regionais sobre os desafios éticos, legais e societários postos pelo ciberespaço na África, na Ásia e no Pacífico, na América Latina e no Caribe e na Europa/América do Norte (nessa época, os Estados Unidos ainda não tinham voltado a participar, diferentemente do Reino Unido, do organismo internacional que tinham deixado em 1985). Em 2001, ano oficialmente proclamado pelas Nações Unidas como ano do "Diálogo entre as Civilizações", por sugestão do presidente Khatami, do Irã, a Conferência Geral da Unesco situou a luta contra a fratura digital no quando de uma "Infoética" e propôs aos Estados-membros um conjunto de recomendações "sobre o uso do multilingüismo e o acesso universal ao ciberespaço", sem os quais, dizia-se claramente, "o processo da globalização econômica seria culturalmente empobrecedor, desigual e

<b>ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:</b> Informação, Tecnologia e Conhecimento			
<b>LINHA:</b> Gestão, Mediação e Uso da Informação			
<b>IDENTIFICAÇÃO</b>			
<b>CÓDIGO</b>	<b>DISCIPLINA</b>	<b>CRÉDITOS</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>
PCI0018 01	Informação, Conhecimento e Inteligência Organizacional	6	90hs

injusto". Essa estratégia foi até mesmo batizada: Iniciativa B@bel. A Unesco também lembrou que a educação de base e a alfabetização são "pré-requisitos para o acesso universal ao ciberespaço". O diagnóstico da desigualdade no acesso às novas tecnologias levou a organizar, em conjunto com a International Union of Telecommunications (IUT), uma Cúpula Mundial sobre a Sociedade da Informação, em 2003, em Genebra, para ali discutir a necessidade de "regulação global". A idéia é considerar os campos do conhecimento e da informação como um "bem público global", visto que se trata de uma parte constitutiva da esfera pública. Opõe-se à doutrina ultraliberal do "free flow of information", encerrada em uma visão mercantil do mundo, uma definição cidadã da liberdade de informação e da liberdade de acesso à informação. A apropriação democrática das novas técnicas interativas requer um necessário e paciente diálogo entre as culturas. O que nem sempre ocorre, segundo o parecer de numerosos especialistas no caso das relações Norte/Sul. E o que sustenta Steve Smithson, professor da London School of Economics: "Há pouco tempo, participei de um colóquio no qual o representante de um grande operador internacional de telecomunicações fez um discurso edificante acerca dos responsáveis políticos de países em via de desenvolvimento que estavam na sala. Ele foi de uma arrogância inacreditável: 'Vocês devem fazer, mais isso e aquilo outro', explicando que seus produtos eram os melhores e que, evidentemente, era obrigatório comprá-los. Tive o sentimento de que a época colonial não estava tão longe e que os mercados dos países em via de desenvolvimento permitiam, acima de tudo, gerar lucros consideráveis... O papel dos poderes públicos locais é determinante na redução da fratura numérica" (Smithson, 2001). A opinião de Michael Dertouzos, diretor do laboratório de ciências da computação no Massachusetts Institute of Technology (MIT) é também preciosa, porque vai na contracorrente da ideologia tecnorredentora propagandeada por muitos de seus colegas futurólogos: "A esse respeito, estou em profundo desacordo com Bill Gates, com quem já discuti o assunto. Abandonada a seus próprios recursos, a revolução da informação vai aumentar o fosso entre os países ricos e os países pobres, entre os ricos e os pobres em cada país. Se nada for feito, não se devem excluir, a história nos ensina, reações violentas contra essa revolução" (Dertouzos, 1999) – p.162, 163, 164

**Questões para debate em grupo:**

- 1) Sociedade da Informação, que sociedade é essa?

**REFERÊNCIA**

MATTELART, A. **História da sociedade da informação**. São Paulo: Loyola, 2002. 197p.

<b>ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:</b> Informação, Tecnologia e Conhecimento			
<b>LINHA:</b> Gestão, Mediação e Uso da Informação			
<b>IDENTIFICAÇÃO</b>			
CÓDIGO	DISCIPLINA	CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA
PCI0018 01	Informação, Conhecimento e Inteligência Organizacional	6	90hs

